



Director literario:

Ataques e respostas
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

duarcollella
PAPUSSE

Barraca de Tandoches



*Bichano Gato, polcia
Da décima quinta esquadra,
Dorme que é uma delicia,
Pois que velar lhe não quadra.*



*Um ratinho e três ratinhas,
Que roubam para comer,
Com um carrinho de linhas,
Que diabo irão fazer?!*



*Vão com cautela e pericia,
Sem o mais leve barulho,
Amarrar bem o polcia,
Por pés, por mãos e bandulho.*



*Para depois sem licença
Mas com magnifico ensino,
Assaltarem a dispensa
Onde se encontra um bom queijo.*



*E ei-los que nem diabrête,
Contentinhos como um rato,
Sem receio ao «casse-tête»
Do polcia senhor Gato;*



*Levando à paternidade,
Anceosa por comer,
Uma enorme quantidade
De belo queijo «gruyère.»*

HISTORIA DE NALA E DAMAYANTI CONTO INDIANO

ADAPTAÇÃO DE
MARIO ALVES
PEREIRA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

«**O** Deuses, eu bem ouvi o que o cisne me disse. E' ao rei Nala que eu escolho para esposo. Permitti pois, ó Deuses, que êle me seja revelado. Bem vêdes como o amo... Juro que sempre lhe serei fiel. Nunca pelo pensamento, nunca pela palavra, nunca pela acção, abandonarei o meu Senhor! Permitti, ó Deuses, que ele me seja revelado. Bem vêdes como o amo... Em toda a vida lhe serei fiel. Consenti, que, á minha voz, volteis a ser quem sois; deixai que eu reconheça Nala. Vêde como eu lhe quero... Em toda a vida lhe serei fiel. O' Deuses, permitti que êle me seja revelado!»

Ouvindo estas palavras da princesa os Deuses comprehendiram que não a afastariam da sua resolução. Viram toda a grandêsa do seu amor e o pedido que ella fez foi satisfeito.

Os Deuses mostraram-se então de novo em todo o seu esplendor; os seus olhos ficaram imoveis e os pés não poisavam no chão. Apenas, no meio deles, Nala, com os pés tocando o chão, movia os olhos...

Então, alegre e tímido, a princesa caminhou para elle e entregou-lhe a grinalda...

Os Deuses foram os primeiros que, sem resentimento algum, alegremente aceitaram a decisão de Damayanti. Os reis curvando as cabeças, descontentes, reconheceram que nenhum dentre elles se comparava a Nala.

E Nala falou assim a Damayanti: «Pois que, ó princesa bendita, deante dos imortais, escolheste um mortal para teu esposo, aqui me tens! Obedecerei alegre às tuas ordens, ó Damayanti de sorriso lindo e enquanto viva hei de viver contigo».

E Damayanti respondeu: «Ha muito que te amava, tu bem sabes! Desde hoje serei eu quem te obedece, como esposa fiel. E para toda a parte que tu vás sempre te seguirei.»

E ambos olhando os Deuses, mudamente imploravam a sua protecção.

«Não vos abandonaremos — disse Indra. — Procura ser-nos fiel, ó Nala, e justo e bom. E tu, ó Damayanti, sê carinhosa e constante em teu amor.»

Os Deuses voltaram para os Ceus e os reis cumprimentando os noivos retiraram-se para os seus países. Bhima quiz que immediatamente o casamento fosse celebrado»

Nala e Damayanti viveram algum tempo no país dos Vidarbhas.

Os guardas do palácio haviam contado que, no dia seguinte ao do Assembléa, uma certa creatura de feios modos se tinha apresentado ás portas da residência real. Interrogado, havia declarado que era um Deus; e que, ao saber que a assembléa já se tinha realisado, e que Nala havia sido o preferido, tinha dito: «Pois se Damayanti fez aos Deuses tal injuria, eu castigarei os dois e vingarei os Deuses».

Nala e Damayanti quasi nem ouviram o que os guardas contaram; Bhima apenas teve um sorriso desdenhoso. Chegou o momento de regressarem ambos ao país dos Nishadas. E com os presentes que lhes tinham dado, em meio dum magnifico cortejo, partiram para o reino de Nala. Os caminhos por onde passavam estavam atapetados de flores. A' entrada da cidade foram recebidos pelos ministros e grandes senhores do país. E a multidão por toda a parte os aclamava.



jo, partiram para o reino de Nala. Os caminhos por onde passavam estavam atapetados de flores. A' entrada da cidade foram recebidos pelos ministros e grandes senhores do país. E a multidão por toda a parte os aclamava.

Pushkara, o irmão de Nala, tambem foi ao seu encontro e dando-lhe as boas vindas contrafeito, apenas lançou a Damayanti um olhar de soslaio e voltou para o palácio.

Mal tinha fechado a porta dos seus aposentos sentiu que uma certa mão lhe poisava no ombro e voltando-se viu uma creaturinha enfiada que lhe disse: «Foi para teu bem que te segui, Pushkara. Conheço os teus pensamentos. Escuta os meus conselhos e bem depressa governarás estes reinos.»

«Quem és tu para me fazeres tal promessa?»

«Um Deus! Aquele que maltratam com desprezo, mas

tão poderoso como os outros.»

«Serás Kali? Perguntou Pushkara.

«Sou Kali! Desgraçado o jogador que eu perseguir; perderá toda a sua fortuna. Convida pois o teu irmão a jogar. Estarei atrás dele, visível para ti apenas. Não jogarás uma só partida que não ganes.

«Mas se Nala se recusa a jogar?

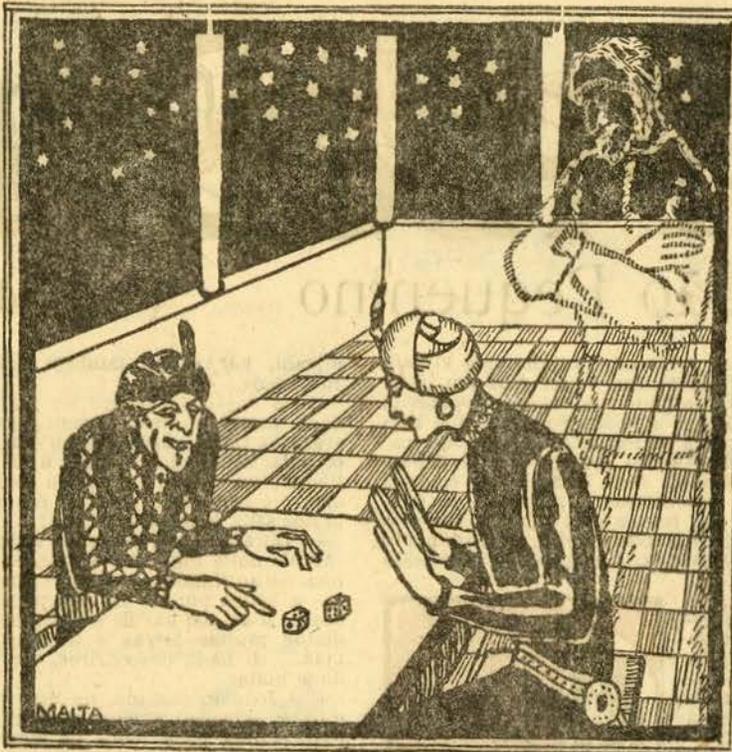
Kali não respondeu; tinha desaparecido.

Nala reassumira o cargo da realeza. E todos os dias, depois das conferências de Estado, ia juntar-se a Damayanti, a sua bem amada.

Pushkara entretanto meditava nas palavras de Kali: «Ser rei! Ser rei, sem esforço algum, apenas pela sorte do jogo!»

«Irmão, disse ele um dia, como tu estás mudado... já o jogo te não distrai!... Porque não jogas comigo os dados?»

«Ah! Sim, disse Nala, Mas como hei de eu jogar e para quê se já vejo além no jardim Damayanti que me es-



pera... joga tu, se isso te dá prazer, mas não contes comigo.»

Meses passaram e outros meses também. Nala e Damayanti tiveram um filho e tiveram uma filha.

E as duas crianças eram agora uma alegria mais naquela felicidade.

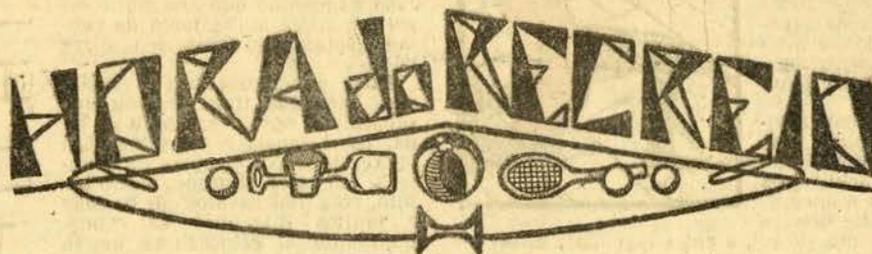
Pushkara tinha-se a principio impacientado porque Nala continuava a recusar-se a jogar, mas o seu desânimo chegava agora ao desespero. Kali esforçava-se por o confortar mas não o conseguia.

«Indra protege-o, dizia Pushkara. Indra é mais forte que tu...»

«Sim, Indra protege-o, respondia Kali. Ele é piedoso e emquanto observar fielmente os ritos, Indra estará com ele. Mas não desanimes! A' mais pequena falta ou

imprudência, Indra o abandonará e será meu. Tem paciência, Pushkara, tem paciência!...

(Continúa no proximo numero)



A RODA DE SOL (Passatempo infantil)

PRIMEIRO esvaziem uma casca d'ovo fazendo um buraco em cada extremidade e soprando fóra o conteúdo. Em seguida tapem essas extremidades com lacre. Enquanto o pau de lacre ainda está mole ponham um pedaço grande dele no lado maior do ovo, e antes de secar peguem-lhe uma moeda de cinquenta centavos pelas bordas e segurem-a ali até estar bem fixa. Depois cortem dois bocados delgados de pau, dumas doze polegadas de comprido e prendam-nos á parte mais estreita da casca do ovo, com lacre.

Tomem cuidado em fazer isto exactamente no centro dos paus, para que a casca do ovo possa balouçar bem quando colocada da água.



Recortem quatro bocanecos de papel grosso e prendam-os nas extremidades dos paus. Peguem-nos perfeitamente a direito e depois inclinem-os ligeiramente para diante, todos na mesma direcção. Feito isto tudo, e o ovo metido dentro dum copo com água, coloquem a roda onde lhe bata um forte raio de sol, entrando pela janela.

Estando o brinquedo feito como deve ser, começará a girar assim que o ovo fluctua na superfície da água. Se não andar logo á roda, inclinem as figuras de papel um pouco mais para diante.

Quando tiverem conseguido fazer este brinquedo com perfeição, podem depois recortar as figuras em cartão e pegá-las com lacre.

A MEIA DO DIABO

E o João Pequenino (Da Tradição Oral)

ERA uma vez um rei e uma rainha que viviam desgostosos, por nunca terem tido um filho. Certo dia, rezando na capela do palácio, chorosos, pediram a Nossa Senhora, que lhes desse uma menina ou um menino, e ainda que fosse do Diabo. — Ora, pouco tempo depois aparecia no palácio uma menina tão linda e

tão meiga, que todos acreditaram ter descido do Céu. Chamou papa e mamã aos reis, e eles ficaram tão contentes que vestiram a menina toda de ouro, e foram baptizá-la com o nome de Bemvinda. A menina foi crescendo e de ano para ano mais fornosa se tornava. Mas o que a todos causava espanto, eram os sapatos de ouro que a Princezinha rompia; todos os dias estreava um par e no dia seguinte estavam mais róticos que sapatos de mendigo.

O rei andava surpreendido e triste por não atinar a razão porque a Princezinha Bemvinda, rompia tantos sapatinhos de ouro.

E vai dahi, chamou um pagém e disse-lhe:

— Durante uma semana vigiarás, de noite e de dia, a Princezinha. Se ao fim desse tempo, souberes a causa porque rompe todos os dias, um par de sapatinhos de ouro, dou-te muitas terras e dinheiro; mas, se nada descobrires, mando-te matar.

O pagém começou a vigiar a Princezinha, mas como era muito dorminhoco, nada descobriu, pois passava as noites a dormir.

No fim dos oito dias, o pagém foi à presença do rei, e entre lagrimas, disse:

Senhor rei, senhor rei,
Nada vi, nada sei.
Os sapatinhos estão
Rotinhos, mas sem razão!
Senhor rei
Nada sei!

E o rei mandou-o matar.

Depois, ainda chamou mais dois pagens, mas todos tiveram a mesma sorte do primeiro, pois nada desco-

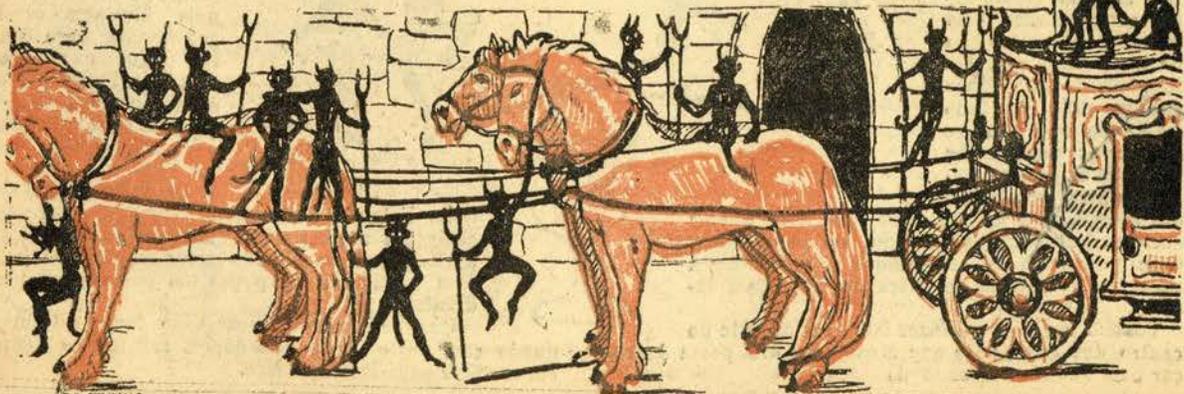
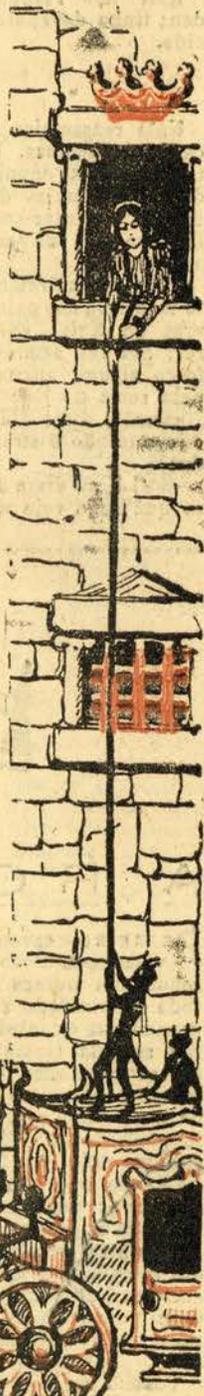
briram, por serem também dorminhocos.

O rei então, triste por ter mandado matar os tres pagens, que eram os mais esbeltos e serviçais do palácio, mandou chamar o João Pequenino, que era a pessoa mais alegre e com fama de mais esper-ta nos seus reinos e disse-lhe:

— Durante uma semana, vigiarás, de noite e de dia, a Princezinha. Se ao fim desse tempo, souberes a causa porque ela rompe todos os dias, um par de sapatinhos, dou-te muitas terras e dinheiro; mas, se nada descobrires, mando-te matar.

E o João Pequenino, no dia seguinte, começou a acompanhar a Princezinha para todos os lados. Quando chegou a hora da Princezinha se deitar, o João Pequenino foi para o quarto dela, sentou-se numa cadeira muito grande e poz-se a ressonar alto, fingindo que dormia. A Princezinha deitou-se... mas ao darem as doze badaladas da meia noite, poz-se a pé, e pegando num alfinete foi espetar um braço do João Pequenino, para ver se ele dormia, ou não. E o João Pequenino que era muito esperto e tinha muita força de vontade, sofreu as dores, sem dizer nada.

Então a Princeza, poz o vestido mais rico que tinha, calçou uns sapatinhos novos, arranjou-se toda, foi à janela e espreitou. Em baixo, já estava á espera da Princeza, um carro dourado, muito bonito, com dois cavalos cor de fogo e muitos diabinhos em cima. Enquanto a Princezinha descia por uma corda, o João Pequenino foi a outra janela, do outro lado do palácio, saltou para um galho duma arvore, e desceu por ella abaixo. Logo que a Princezinha Bemvinda, entrou no carro e os cavalos guiados pelos diabinhos, começaram a correr e a levantar poeira, o João Pequenino saltou para as trazeiras do carro e lá foi. O carro andou, correu, voou, até



Continuação do Conto A FILHA DO DIABO e o JOÃO PEQUENINO



a ordem do rei, e foi para casa a chorar.

No caminho, encontrou uma velhinha muito simpática, que era a Nossa Senhora disfarçada e que lhe disse:

—Não chores mais João Pequenininho, que eu vou ensinar-te o que has de fazer. Leva contigo esta bilha de agua que te dou, vai buscar uma toalha e um capote, e quando um fantasma avançar para ti, atira-lhe a agua para cima, e o resto servirá a seu tempo.

O João Pequenininho agradeceu muito á Nossa Senhora, e não se viu

bem enquanto não se achou dentro da igreja.

Ao dar da meia noite, começou a ouvir-se o tal reboliço, e, momentos depois, avançou para o João Pequenininho a alma da Princezinha para o matar, rodeada de diabinhos que o levariam para o Inferno.

Mal o João Pequenininho, cheio de coragem, atirou metade da agua para cima da alma da Princezinha esta

ficou logo limpa de peçonha, e os diabinhos desapareceram.

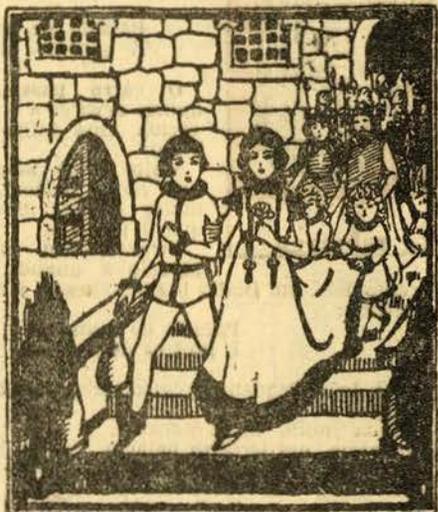
Quando lhe atirou o resto da agua a alma da Princezinha tomou de novo o seu corpo, e, assim voltou é vida.

Mas, o peor, é que ficou nuasinha, toda molhada e cheia de vergonha.

Então o João Pequenininho, muito satisfeito, deu-lhe a toalha para ela se limpar, o capote para se cobrir e foram para o palacio do rei.

O rei e a rainha quando viram a Princezinha com vida e já sem o Diabo no corpo, iam morrendo de alegria.

O rei não sabendo como pagar ao João Pequenininho o que ele tinha feito, deu-lhe a Princezinha em casamento, no que fez muito bem, pois foram muito e muito felizes.



Escrito e ilustrado por EDUARDO MALTA

Bibliografia Infantil

CONTOS GREGOS — por Antonio Sergio — Ilustrações de D. Raquel Gameiro

BONECOS FALANTES — por Carlos Selvagem — Ilustrações de D. Mamia Roque Gameiro

EDITADOS com muito bom gosto pela casa Aillaud & Bertrand, acabam de ser lançados no mercado estes dois belos livros de contos infantis, que ao *Pim-Pam-Pum* cabe o grato dever de recomendar aos papás dos seus pequeninos leitores.

Com os seus *Contos Gregos* o lúcido espirito do senhor Antonio Sergio procurou e conseguiu, por meio de uma linguagem purissima e absolutamente acessivel, fazer mergulhar o espirito infantil no puritanismo da Beleza Helénica que tanta influencia teve na civilização latina. Lendo-o, com a emoção natural e própria da infancia, a criança adquire, inconscientemente, principios rudimentares desse alto sentido estético que anima todas as paginas deste livrinho encantador, admiravelmente

ilustrado por uma notabilissima desenhadora que em qualquer parte do mundo seria considerada uma extraordinaria artista.

Com os seus *Bonecos Falantes* a inspiração fecunda de Carlos Selvagem que, sendo um belo dramaturgo, se nos afigura, poderia vir a ser um bom poeta, criou, numa bela *féerie* de maravilhoso infantil, em prosa cadenciada, num ritmo popular de redondilha, um pequenino mundo de fantoches que, tornando delirante a imaginação infantil, visa inteligentemente a exaltar o amor pelas coisas e pelos seres no coração das crianças.

São quatro os contos deste belo livrinho, respectivamente intitulados: — História de Titó e da Carriça, Os sete sábios de França, História dos três corcundas e a História do urso amarelo e do valente Nicolim. Tão belos são, que dir-

se-iam criados pela imaginação popular, principalmente a História dos três corcundas, cuja contextura tão bem urdida está que, estamos plenamente convencidos, ficará como reliquia no folclore português.

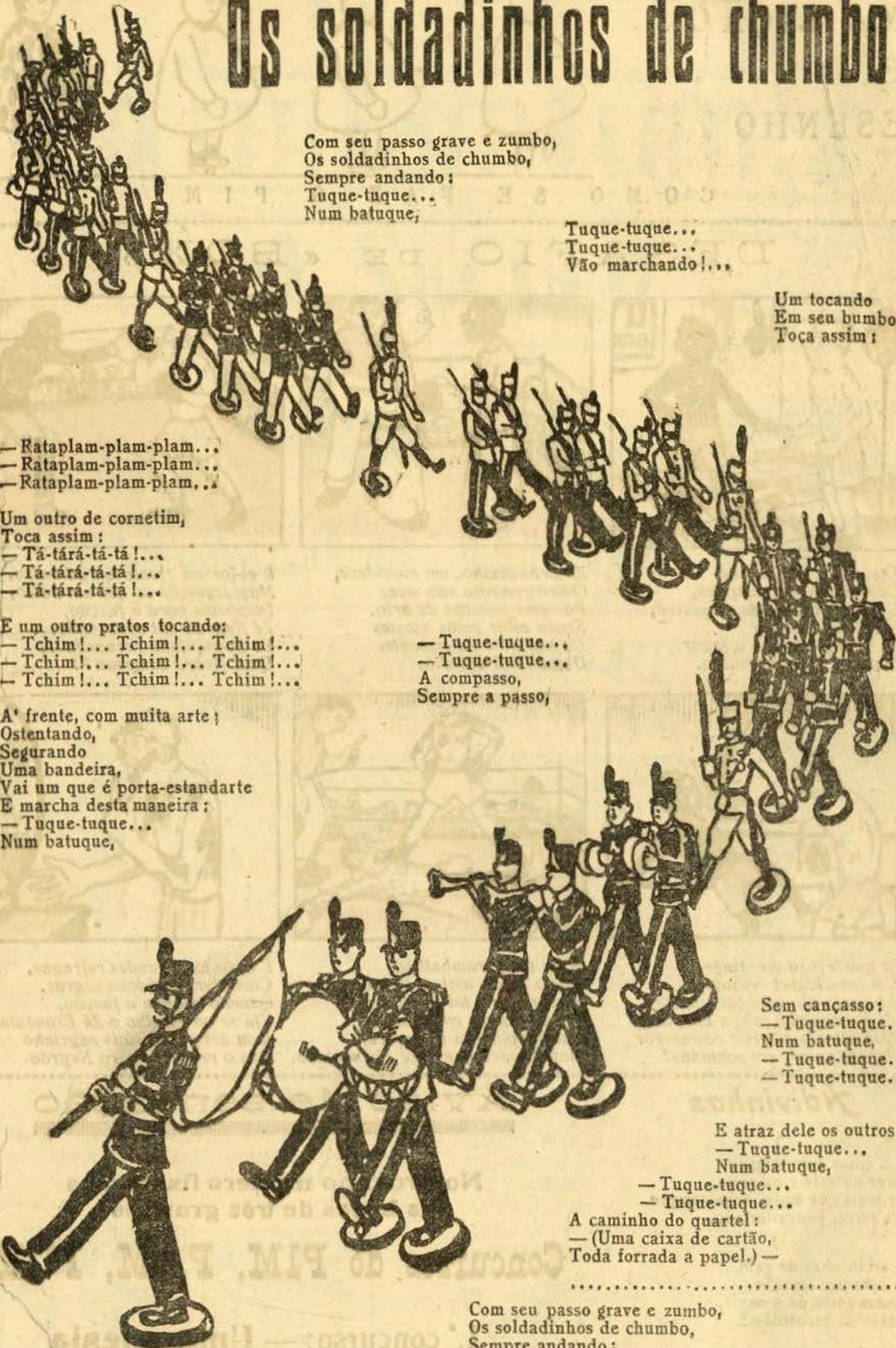
D. Mamia Roque Gameiro ilustra com admiravel graça e bela execução a felicissima inspiração de Carlos Selvagem que sinceramente felicitamos por mais esta demonstração do seu incontestavel talento.

Augusto de Santa-Rita

AOS EDITORES

A todas as obras infantis, de que nos sejam enviados dois exemplares, faremos referencia nesta secção, desde que sejam dignas de serem recomendadas.

Os soldadinhos de chumbo



Com seu passo grave e zumbo,
Os soldadinhos de chumbo,
Sempre andando:
Tuque-tuque...
Num bатуque,

Tuque-tuque...
Tuque-tuque...
Vão marchando!...

Um tocando
Em seu bumbo,
Toca assim:

— Rataplam-plam-plam...
— Rataplam-plam-plam...
— Rataplam-plam-plam...

Um outro de cornetim,
Toca assim:
— Tá-tará-tá-tá!...
— Tá-tará-tá-tá!...
— Tá-tará-tá-tá!...

E um outro pratos tocando:
— Tchim!... Tchim!... Tchim!...
— Tchim!... Tchim!... Tchim!...
— Tchim!... Tchim!... Tchim!...

— Tuque-tuque...
— Tuque-tuque...
A compasso,
Sempre a passo,

A' frente, com muita arte;
Ostentando,
Segurando
Uma bandeira,
Vai um que é porta-estandarte
E marcha desta maneira:
— Tuque-tuque...
Num bатуque,

Sem cançasso:
— Tuque-tuque...
Num bатуque,
— Tuque-tuque...
— Tuque-tuque...

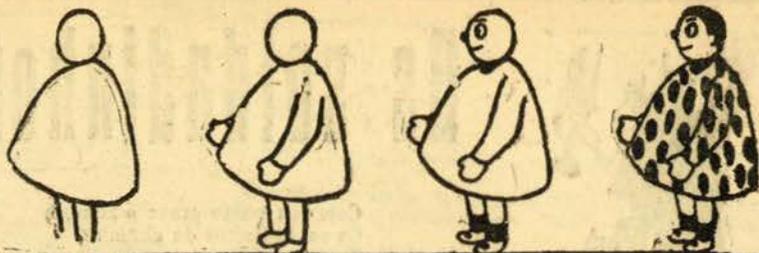
E atrás dele os outros vão:
— Tuque-tuque...
Num bатуque,
— Tuque-tuque...
— Tuque-tuque...
A caminho do quartel:
— (Uma caixa de cartão,
Toda forrada a papel.)—

Com seu passo grave e zumbo,
Os soldadinhos de chumbo,
Sempre andando:

— Tuque-tuque...
Num bатуque,
— Tuque-tuque...
— Tuque-tuque...
Vão marchando!...

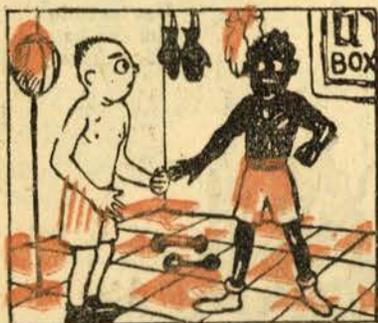
AUGUSTO DE SANTA-RITA.

UMA LIÇÃO DE DESENHO



COMO SE FAZ O PIM

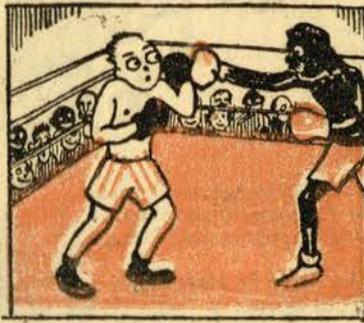
DESAFIO DE «BOX»



Certo dia, Zé Negrão
Com modos de campeão,
E um grande ar de casmurro,
Resolveu desafiar
O Zé Branquinho a jogar
O nobre jogo do murro.



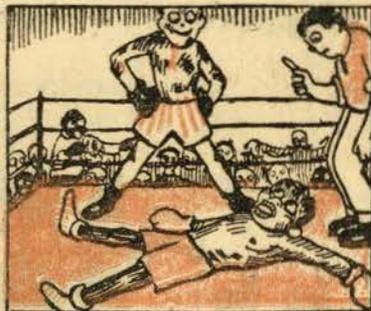
Zé Branquinho, um meio leve,
Outro remédio não teve,
Por uma questão de brio,
Senão estar pelos ajustes
De suportar os embustes
Dêsse fatal desafio.



E ei-los em frente um do outro,
Mais ligeiros do que um pôtro,
Dispostos para a função,
Zé Negrão vai avançando...
Zé Branquinho recuando...
Qual ficará campeão?!



Já quasi fora do «ring»,
Um formidável «swing»,
No preto ali, com tais ganas
Zé Branquinho prega um murro
Que atira o Negrão casmurro,
Pernas ao ar, em pantanas!



E foi tal o trambulhão,
Que o nosso amigo Negrão,
Ao ver-se em tal desalinho,
Por tal forma empalidece,
Que ele por fim já parece,
Mais branco que o Zé Branquinho.



E após tão grandes refregas,
Cheinho de nódoas negras,
Quando acabou a função,
Viu-se ao espelho o Zé Branquinho
Inda um pouco mais negrinho
Que o próprio negro Negrão.

Adivinhas

1

Qual a coisa cujo o apito
Se ouve no vale e na serra,
E por mais que apde, acha sempre
Pouca terra, pouca terra?...

2

Tem orelhinhas de gato,
E na cara um coração,
Ninguém gosta de o ouvir
No meio da escuridão?!

Decifração das anteriores:

- 1 — Linha
- 2 — Planta
- 3 — Camarão

Aviso de sensação

No proximo numero fixaremos
as bases de três grandes

Concursos do PIM, PAM, PUM!

- 1.º concurso: — Uma poesia
- 2.º » — Um conto
- 3.º » — Um desenho